

País já perdeu US\$ 500 mi em reservas

economia - Brasil
Vicente Nunes
de Brasília

Cresce a cada dia a preocupação da equipe econômica com o comportamento das reservas cambiais. Nos seis primeiros dias de janeiro, o Banco Central (BC) praticamente não registrou nenhuma entrada de dólares no País, enquanto as saídas ficaram próximas de meio bilhão de dólares. Os números assustam, pois indicam dificuldades crescentes para o Brasil cumprir as metas estabelecidas com o Fundo Monetário Internacional (FMI) na área externa, o que pode prejudicar a política de redução das taxas de juros.

Pelas contas do economista do Lloyds Bank, Adauto Lima, as reservas cambiais fecharam dezembro próximas dos US\$ 36 bilhões, bem abaixo dos US\$ 38,5 bilhões acertados com o FMI. A tendência de encolhimento das reservas foi admitida pelo diretor da Área Internacional do BC, Demóstenes Madureira de Pinho Neto, que revelou que somente neste trimestre o País terá que desembolsar mais de US\$ 13 bilhões em compromissos externos.

Num quadro de fluxo restrito de

recursos para o Brasil, há quem aposte que as reservas líquidas (sem levar em conta os US\$ 9,4 bilhões emprestados pelo FMI) chegarão ao fim de março abaixo dos US\$ 30 bilhões.

"Ainda é muito cedo para se falar em qualquer renegociação do acordo com o FMI", disse ontem o presidente do BC, Gustavo Franco. "Vamos cumprir todas as metas acertadas com o FMI", garantiu o ministro da Fazenda, Pedro Malan.

Em fevereiro, desembarcará no País uma equipe do Fundo, que avaliará o desempenho das contas internas e externas brasileiras. Um dos pontos mais preocupantes é o que vincula as reservas internacionais à base monetária, chamado no acordo de crédito interno líquido. Se as reservas estiverem abaixo do prometido, será necessário enxugar a quantidade de dinheiro em circulação na economia. Com is-

so, a tendência é que os juros caiam menos ou até subam, disse um diretor do Unibanco. "Para isso não acontecer, o caminho será rever as metas estabelecidas com o FMI."

O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, garantiu que a situação está sob controle. Segundo ele, no caso de as perdas de reservas se acelerarem, o País pode pedir a antecipação da segunda parcela de recursos pelo FMI, superior a US\$ 9 bilhões, que, pelo contrato, deve sair de-

pois de fevereiro. "Mas o governo ainda não está estudando essa possibilidade", afirmou Bier.

Para reverter o quadro, o governo está tentando, de todas as formas, estimular a volta das empresas brasileiras ao mercado internacional. "É a única maneira de garantir, mais rapidamente, a recomposição das reservas", disse Adauto Lima. O pro-

blema, segundo ele, é que a desconfiância em relação ao País entre os investidores estrangeiros continua alta. Atualmente, se quiserem lançar títulos no mercado internacional, as empresas brasileiras têm de pagar entre 800 e 1.000 pontos acima da taxa de juros americanas.

"Há vários fatores prejudicando o País. A força política do presidente está sendo questionada, o pacote fiscal ainda não foi aprovado e há uma rebelião entre os governadores. Isso afasta o dinheiro estrangeiro", disse um diretor do Banco Safra. "A saída é o governo acelerar a votação do ajuste para reverter a crise de confiança. Se isso ocorrer e os juros dos papéis brasileiros no exterior caírem pelo menos 200 pontos, o fluxo de dólares poderá ser retomado."

Para o deputado Delfim Netto (PPB-SP), as duas primeiras semanas do ano são tradicionalmente um período de pouca entrada de dinheiro. Portanto, a real situação das reservas só vai ficar clara a partir da terceira semana deste mês. "Aí sim, veremos o tamanho do problema que o governo terá que administrar para cumprir a meta com o FMI."



Gustavo Franco